

RITA LEE E A CENSURA DITATORIAL ÀS SUAS LETRAS E PERFORMANCES: SUBVERSÃO E OUSADIA EM TEMPOS SOMBRIOS

RITA LEE AND THE DICTATORIAL CENSORSHIP OF HER LYRICS AND PERFORMANCES: SUBVERSION AND DARING IN DARK TIMES

Gisele da Silva Souza¹

Ana Luiza Rios Martins²

Resumo: Rita Lee emergiu em um Brasil sob ditadura militar, destacando-se como compositora, instrumentista, cantora e escritora, tornando-se uma das artistas de maior vendagem no país. Apesar da sua popularidade, suas letras foram censuradas por confrontarem “a moral e os bons costumes” vigentes. Em sua obra, apresentou-se sempre como uma mulher em conflito com a normatividade do seu tempo, disputando espaços na sociedade e no cenário musical. Suas canções questionam papéis femininos preestabelecidos, promovendo representações que contribuíram, naquele momento — como atemporalmente —, para a conscientização sobre a condição social da mulher. Mesmo após a abertura política, na década de 1980, continuou sendo alvo de censura. Além disso, foi presa durante o período, enfrentando negligência mesmo estando gestante. Este estudo analisa a sua trajetória e poética musical, enfocando a censura que se teve para com ela e sua arte, a prisão e representações que ela fez do feminino, à luz de Lima (2019), Gohl (2014), Matos (1997) e Paranhos (2019), evidenciando as dificuldades de ser mulher e artista naquele contexto repressivo.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Censura. *Rock Nacional*. Rita Lee.

Abstract: Rita Lee emerged in a Brazil under military dictatorship, standing out as a composer, instrumentalist, singer, and writer, becoming one of the best-selling artists in the country. Despite her popularity, her lyrics were censored for confronting the prevailing “morality and good customs”. In her work, she always presented herself as a woman in conflict with the norms of her time, disputing spaces in society and the music scene. Her songs question pre-established female roles, promoting representations that contributed, at that time—as they have timelessly—to raising awareness about the social condition of women. Even after the political opening in the 1980s, she continued to be a target of censorship. Furthermore, she was imprisoned during this period, facing negligence even while pregnant. This study analyzes her trajectory and musical poetics, focusing on the censorship she and her art faced, her imprisonment, and her representations of the feminine, in light of Lima (2019), Gohl (2014), Matos (1997), and Paranhos (2019), highlighting the difficulties of being a woman and an artist in that repressive context.

Keywords: Military Dictatorship. Censorship. Brazilian Rock. Rita Lee.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

¹ Doutoranda e Mestra em História Social Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora efetiva de História e Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio no Governo do Estado de São Paulo. *E-mail:* giselesouza.prof@gmail.com.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora no curso de graduação em História da UAB-Uece e nos cursos de pós-graduação *lato sensu* em História do Brasil da UVA-IDJ e Educação Patrimonial do IPN-RJ. *E-mail:* luiza.rios@uece.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo busca analisar a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a sua relação com Rita Lee (1947-2023), artista que foi presa e teve diversas composições censuradas, configurando-se como uma das cantoras mais perseguidas do período (Lima, 2019). Em suas canções, emergem temáticas que confrontavam os padrões morais vigentes, abordando subjetividades notoriamente femininas, tais como: sexualidade e liberdade das mulheres, críticas às imposições do cotidiano, ciclo menstrual, maternidade e maturidade, entre outras demandas de seu tempo.

A relevância desta análise reside na compreensão das razões pelas quais uma cantora que não se debruçava sobre assuntos considerados subversivos pelo regime militar foi alvo de censura intensa. Ademais, é fundamental reconhecer a importância de suas obras, visto que artistas como ela, Leila Diniz e Gal Costa tiveram papel emblemático na segunda onda feminista no Brasil, mesmo sem assumirem posturas explicitamente militantes.

Também se destaca a necessidade de se perceber as tensões e rupturas ocorridas na sociedade brasileira durante o regime, especialmente no âmbito do *rock* nacional, gênero no qual Rita Lee atuou desde o início de sua carreira e que foi marginalizado tanto pelo governo quanto pela sociedade a princípio, resultando em perseguição e prisão da cantora, além de censura de várias de suas letras de canções e performances. Rita Lee e Raul Seixas foram dois dos principais expoentes desse cenário, sendo alvos recorrentes da fiscalização repressiva ditatorial.

Para melhor sistematização, este ensaio — que se constitui como um recorte da pesquisa em andamento da tese que a autora principal está finalizando no Doutorado em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) —, está organizado em três seções: na primeira, detalha-se o percurso metodológico a partir da trajetória da artista; na segunda, aborda-se a relação da cantora com a ditadura, à luz de Lima (2019), Gohl (2014) e Paranhos (2019); e, na terceira, apresentam-se as discussões baseadas nos resultados preliminares da análise da trajetória pessoal e profissional de Rita Lee, bem como das composições obtidas nos arquivos do Arquivo Nacional.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho busca contribuir com a produção acadêmica ao analisar a trajetória artística de Rita Lee (1947-2023) e sua relação com a Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985). A pesquisa é um recorte do estudo de Doutorado em História Social que a autora principal iniciou em 2023, na PUC-SP, com bolsa do CNPq, investigando o protagonismo da artista no cenário musical brasileiro e as representações do feminino em sua obra. Rita Lee é considerada uma figura central para a compreensão da resistência cultural e artística em um período marcado pela censura, perseguição política e repressão às liberdades individuais (Lima, 2019; Paranhos, 2019).

Esta pesquisa advém de um levantamento bibliográfico e documental realizado no Google Acadêmico com foco em trabalhos publicados nos últimos dez anos, que forneceu dez estudos essenciais — incluindo artigos, ensaios, monografias, dissertações e teses —, que fundamentaram a discussão teórica sobre Rita Lee e sua obra. Trata-se, portanto, de uma investigação de abordagem qualitativa, de natureza básica, de objetivo exploratória e de caráter bibliográfico e documental, que ressalta a importância da artista como patrimônio cultural e agente de contestação social (Pimentel, 2003).

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Rita Lee *versus* a censura na ditadura civil-militar (1964-1985)

Rita Lee Jones de Carvalho destacou-se por sua multifacetada atuação como compositora, cantora, instrumentista, escritora de livros infantis e autobiografias e como uma ferrenha ativista da causa animal. Sua carreira, marcada pelo sucesso desde a década de 1960 até a aposentadoria em 2012, tornou-se incômoda para as estruturas conservadoras da época. A artista enfrentou constante perseguição e censura devido às temáticas inovadoras presentes em suas letras, que abordam a sexualidade feminina, a autonomia sobre o corpo, a maternidade, o ciclo menstrual e as críticas às normas impostas às mulheres (Gohl, 2014; Matos, 1997).

Entre os anos de 1960 e 1990, ela delineou, em suas canções, a vida subjugada de mulheres segundo padrões patriarcais e, simultaneamente, a mulher ousada, livre e autônoma, rompendo com grilhões sociais e morais vigentes. Embora não se declarasse feminista, suas atitudes, letras e performances tiveram forte influência no imaginário coletivo e inspiraram

outras mulheres a questionar padrões de comportamento e papéis de gênero (Pedro, 2012; Gomes, 2022).

Rita Lee iniciou a sua trajetória musical ainda na adolescência, participando de bandas estudantis como as Teenage Sisters, e, posteriormente, formou os grupos Wooden Faces e O'Seis, antes de ingressar n' Os Mutantes. Este último grupo promoveu uma revolução musical no Brasil de então, combinando elementos da música popular brasileira com o *rock*, utilizando performances, figurinos e experimentalismos que chocaram a sociedade conservadora. Após a sua saída da banda, Rita formou os Cilibrinas do Éden e o Tutti-Frutti, consolidando-se como uma das principais expoentes do *rock* nacional. A trajetória dela evidencia a construção da sua identidade artística marcada por ousadia, irreverência e busca de autonomia criativa (Matos, 1997; Paranhos, 2019).

O contexto histórico é essencial para compreendermos a relevância de sua obra. A Ditadura Civil-Militar Brasileira, especialmente após o AI-5 em 1968, instituiu um regime de repressão política, censura às artes e controle da sociedade civil, atingindo artistas, jornalistas e intelectuais (Napolitano, 2016). O *rock*, gênero musical contestatório, foi particularmente visado, pois suas letras e performances desafiavam normas sociais ao abordar a liberdade, a sexualidade e a crítica cultural. Nesse período, artistas como Rita Lee e Raul Seixas sofreram perseguição sistemática, prisão e censura, evidenciando a centralidade da música como espaço de contestação social e política (Lima, 2019; Gohl, 2014).

Paralelamente, a segunda onda do movimento feminista, iniciada nos anos 1960, nos Estados Unidos e Europa, influenciou mulheres brasileiras, incluindo Rita Lee, que, embora não militasse formalmente em prol das lutas das mulheres, incorporou valores de emancipação feminista em suas obras e comportamentos. Suas letras evidenciam o direito feminino à autonomia sexual, à gestão do corpo e à liberdade de escolhas, rompendo com padrões impostos por instituições religiosas, políticas e sociais (Pedro, 2012; Gomes, 2022). A performance e a estética dessa artista única funcionaram como instrumentos de visibilidade para essas novas pautas, questionando comportamentos tradicionais e oferecendo modelos alternativos de feminilidade e liberdade (Pimentel, 2003).

Além disso, a trajetória de Rita Lee evidencia as tensões e rupturas no campo do *rock* nacional e na sociedade brasileira durante a ditadura. A marginalização do gênero e sua contestação social resultaram em perseguição, censura e obstáculos profissionais. A artista não apenas produziu música inovadora, mas também encarnou a contestação estética e moral que chocava os valores conservadores da época. A associação dela ao Tropicalismo e à

contracultura, além do seu vínculo com movimentos juvenis e questionamentos sobre sexualidade e liberdade, consolidaram o seu papel como figura central da resistência cultural e do protagonismo feminino na música brasileira daquele momento e por muito tempo depois (Matos, 1997; Paranhos, 2019).

Diante disso, este estudo reafirma a importância de Rita Lee como artista que, por meio de sua obra e atuação, contribuiu para a transformação social e cultural no Brasil. Seu legado revela a interseção entre arte, gênero e política, demonstrando como a música pode se constituir em instrumento de questionamento das normas sociais e de visibilidade para pautas femininas emergentes. A análise da trajetória de Lee, portanto, não se limita à sua obra musical, mas contempla o seu papel como agente histórico que refletiu e desafiou as estruturas de poder e as convenções sociais de seu tempo (Lima, 2019; Gohl, 2014; Paranhos, 2019; Pedro, 2012; Gomes, 2022; Pimentel, 2003; Matos, 1997).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Sobrepujando percalços, a brilhante trajetória pessoal e profissional de Rita Lee

Com o agravamento da ditadura civil-militar, sobretudo após a promulgação do AI-5 em 1968, a artista passou a sofrer intensa perseguição política, marcada pela censura rigorosa de diversas de suas canções. Para serem veiculadas em gravadoras, rádios e programas de televisão, muitas delas precisaram passar por alterações impostas pelos censores. Segundo Lima (2019), a cantora chegou a ter quase um disco inteiro censurado, sendo a maior parte das faixas vetada sob a justificativa de possuir duplo sentido ou conteúdo socialmente ofensivo. Entre os exemplos, “Lança Perfume”, cuja letra foi inicialmente vetada por conter a frase “me deixa de quatro no ato”. O censor alegou conotação sexual, ignorando a referência à substância entorpecente presente na letra, demonstrando o caráter moralista da censura da época.

O Arquivo Nacional preserva documentos referentes às obras censuradas de Rita Lee e de outros artistas, incluindo filmes, livros, novelas e jornais, todos sujeitos à análise prévia do órgão censor antes de serem publicados ou transmitidos ao público — frequentemente modificados, ou até mesmo proibidos de circular (Lima, 2019).

Apesar desse contexto restritivo, Rita Lee consolidou-se como uma das artistas de maior sucesso dos anos 1970 e 1980. Sua posição no universo do *rock* a tornou pioneira,

especialmente por liderar bandas predominantemente masculinas, como Os Mutantes e Tutti-Frutti, “[...] utilizando-se do riso como desafio aos poderes estabelecidos” (Lima, 2019, p. 24), postura que provocava tanto o governo quanto setores conservadores da sociedade.

Um episódio que intensificou sua relação conflituosa com a ditadura ocorreu quando a artista foi chamada para depor sobre a morte de um jovem durante um *show* d’Os Mutantes. A mãe do rapaz solicitou que Rita relatasse se ele havia caído dentro ou fora do local do evento, questionamento que contrariava a versão oficial da polícia. Rita confirmou que o incidente ocorrera dentro do salão, colaborando com a família (Lee, 2016).

No mesmo ano, 1976, policiais invadiram a sua residência e introduziram ali, supostamente de forma proposital, um pacote de maconha. Rita, grávida de seu primeiro filho, Beto, não fazia uso de drogas desde a descoberta da gestação, conforme relatou em depoimentos e em sua autobiografia (Lima, 2019; Lee, 2016). Ela foi levada ao Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) e posteriormente transferida para o Hipódromo Feminino, recusando-se a declarar-se dependente química — postura que contrastava com outros artistas que se autoincriminavam para evitar a prisão. Durante a detenção, compôs a canção “X 21”, censurada e jamais gravada, que narra a realidade das presas e critica o sistema repressivo do Estado. A letra original da canção encontra-se em posse de Norma Lima, professora da UFRJ e presidente do fã-clubes da artista (Lima, 2019; Lee, 2016).

IMAGEM 1 — Rita Lee afrontando o Sistema, vestida de presidiária em seus *shows*



Fonte: https://x.com/gold_mpb/status/1321941807522000896/photo/2
Acesso em: 03 dez. 2025

Após ser solta, Rita permaneceu em prisão domiciliar, sujeita à rígida vigilância policial e restrições de horário, além de precisar apresentar exames de sangue ao juiz para autorizar as suas apresentações (Lima, 2019). Rita, sempre autêntica, retornou aos palcos em setembro de 1976, vestida de presidiária, usando o espetáculo como forma de denúncia aos abusos sofridos, tal como se pode conferir na Imagem 1.

A suspensão do AI-5 em 1978, durante o governo de Ernesto Geisel, e a assinatura do Projeto de Anistia em 1979, que permitiu o retorno de exilados, não significaram o fim da censura para Rita Lee. Parte do disco *Bombom* (1983) foi vetada, e mesmo as faixas autorizadas sofreram restrições de veiculação e classificação etária, evidenciando o controle persistente sobre a sua obra (Lima, 2019; Mauro, 1983). A censura no Brasil só foi formalmente encerrada em 1988, com a última canção de Rita Lee sendo barrada em 1987. Apesar do contexto adverso, a cantora consolidou-se como uma artista multifacetada e inovadora, mantendo-se com sucesso contínuo no mercado musical, especialmente ao lado de Roberto de Carvalho, seu companheiro de vida e de arte.

Sua trajetória no *rock* desafiou a hegemonia masculina do gênero, rompendo estereótipos sobre o comportamento e o repertório musical das mulheres (Lima, 2019). A força de sua voz — ao mesmo tempo firme, suave e afinada —, aliada aos arranjos de Roberto de Carvalho, potencializou a mensagem de suas letras, tornando a sua arte imediatamente reconhecível e influente. Mesmo após o auge de sua carreira, Rita Lee continuou ativa, dedicando-se à literatura, à defesa da causa animal e à vida familiar, até enfrentar um câncer que a levou aos 75 anos (Lee, 2016; Lima, 2019).

Testemunha da redemocratização brasileira, das diversas ondas do feminismo e das mudanças sociais e culturais ao longo das décadas, Rita Lee Jones de Carvalho adaptou-se a todos os percalços que enfrentou com criatividade e resiliência, consolidando-se não apenas como compositora, instrumentista e cantora, mas como ícone cultural e mulher influente.

Sua obra permanece atemporal, com mensagens de empoderamento e autonomia femininos, garantindo o seu lugar definitivo na História da Música Brasileira e na memória coletiva dos seus fãs e das gerações que cresceram ouvindo-a e imitando-a (Mauro, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa desenvolvida neste trabalho, tornou-se evidente o quanto Rita Lee enfrentou a censura durante a ditadura militar brasileira. A análise documental revela que a perseguição às suas composições não se restringia a questões políticas diretas, mas estava estreitamente ligada às normas sociais e morais da época.

A cantora confrontava, por meio de suas letras, ideais de liberdade irrestrita, amor livre, vivência plena da sexualidade e experiências relacionadas ao corpo feminino — incluindo representações do ciclo menstrual e da maternidade. A leveza e irreverência de sua personalidade colidiam com a rigidez de um regime autoritário; o deboche tornou-se um recurso de defesa e expressão artística muito próprio seu, presente em suas performances e canções.

Mesmo após a redemocratização do país e a promulgação da Constituição de 1988, Rita Lee continuou a sofrer censura, não por subversão política, mas pela ousadia de suas letras e do humor irônico, por ousar ser a voz de milhões de mulheres silenciadas pelo patriarcado. Em síntese, Rita Lee consolidou-se como artista inovadora, referência para mulheres que se reconhecem em suas obras de caráter feminista e revolucionário.

Apesar de sua postura progressista em relação ao feminino, não se configurava como militante do movimento feminista, nem suas composições representavam uma ameaça política direta, evidenciando que a perseguição que sofreu teve motivação mais pessoal e moral do que profissional.

A censura, mesmo em contexto de abertura, demonstra que Rita Lee era uma artista maior do que o conservadorismo social que a criticava, perpetuando nas gerações posteriores a ela, a imagem de uma mulher ousada e icônica no cenário cultural brasileiro.

REFERÊNCIAS

- GOHL, M. **Tropicalismo e Contracultura no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2014.
- LEE, R. **Rita Lee**: Autobiografia. Rio de Janeiro: Globo, 2016.
- LIMA, A. **Censura e Música no Brasil: 1964-1985**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- MATOS, C. **O Rock Nacional e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- PARANHOS, L. **Mulheres e Música Popular Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2019.

PEDRO, M. **História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PIMENTEL, G. C. de C. Mutações em cena — Rita Lee e a resistência contracultural. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 11, n. 2, 2009, p. 7-20. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2745>. Acesso em: 12 ago. 2025.

NAPOLITANO, M. **História do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2016.

COMO CITAR ESTE ENSAIO:

SOUZA, Gisele da Silva; MARTINS, Ana Luiza Rios. Rita Lee e a censura ditatorial às suas letras e performances: subversão e ousadia em tempos sombrios. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 3, p. 120-128, set./dez. 2025.

Submetido em: 05/12/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 29/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos